



## Reflexões teórico-práticas sobre o ensino de variação linguística em língua portuguesa

### Theoretical-practical reflections on the teaching of linguistic variation in Portuguese

*Gilberto Antonio PERES\**

*Simone Azevedo FLORIPÍ\*\**

**RESUMO:** Este artigo traz uma reflexão sobre o fenômeno da variação e normas linguísticas empregadas na sociedade a partir de embasamento teórico da pedagogia da variação linguística e norteada pelas orientações de documentos oficiais brasileiros atuais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) com relação às perspectivas associadas. A discussão está embasada em uma proposta de ensino efetivamente realizada em que alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, a partir do contato com os conceitos de variação linguística, se apropriaram desses conhecimentos e produziram tiras, incorporando vivências de interação social em suas produções textuais. Os personagens escolhidos para a elaboração e aplicação da proposta são da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz. Para o desenvolvimento das atividades foram adotados os procedimentos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) cuja metodologia articula a produção de

**ABSTRACT:** This article reflects on the phenomenon of linguistic variation and pattern employed in society from the theoretical foundation of the pedagogy of linguistic variation and guided by the guidelines of current Brazilian official documents, such as the National Curriculum Parameters (BRASIL, 1998) and Common National Curriculum Base (BRASIL, 2017) in relation to the associated perspectives. The discussion is based on a teaching proposal effectively carried out in which 8th grade students from elementary school, from the contact with the concepts of linguistic variation, they appropriated this knowledge and produced strips, incorporating experiences of social interaction in their textual productions. The characters chosen for the preparation and application of the proposal are from Turma do Xaxado, by Antônio Cedraz. For the development of the activities, action research procedures were adopted (THIOLLENT, 1986) whose methodology articulates the production of knowledge

\* Mestre em Letras (PROFLETRAS – UFU). Professor da Secretaria de Estado de Minas Gerais. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1251-5752>. [gilbertoaperes@yahoo.com.br](mailto:gilbertoaperes@yahoo.com.br)

\*\* Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora da UTFPR e PROFLETRAS/UFU. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9584-6302>. [simone.floripi@gmail.com](mailto:simone.floripi@gmail.com)

---

conhecimentos com a ação educativa. O objetivo deste trabalho é evidenciar uma proposta de ensino efetiva que aborde a língua como um fenômeno variável por meio do gênero tiras. Para isso, fundamentamo-nos em pesquisas científicas que enfocam um ensino de base sociolinguística, tais como Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013); Coelho et al. (2015) e Silva (2001). Ao analisar as tiras produzidas pelos discentes, objetivamos evidenciar suas percepções em relação à língua como um fenômeno heterogêneo e corroborar a eficácia de propostas de ensino pautadas na perspectiva científica da sociolinguística educacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de língua portuguesa. Sociolinguística educacional. Pedagogia da variação linguística. Produção de tiras. Norma e variedades linguísticas.

with educational action. The objective of this work is to show an effective teaching proposal that approaches the language as a variable phenomenon through the genre strips. For this, we base ourselves on scientific researches that focus on teaching with a sociolinguistic basis, such as Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2008), Bagno (2007, 2013); Coelho et al. (2015) and Silva (2001). Analyzing the strips produced by the students, we aimed to highlight their perceptions of language as a heterogeneous phenomenon and corroborate the effectiveness of teaching proposals based on the scientific perspective of educational sociolinguistics.

**KEYWORDS:** Portuguese language teaching. Educational sociolinguistics. Pedagogy of linguistic variation. Strip production. Standard and language varieties.

---

## 1 Introdução

O êxito do ensino de língua portuguesa no espaço escolar está vinculado à atitude do profissional em conceber a língua como um fenômeno heterogêneo; pois ela é viva, dinâmica, está em constante mudança, sendo utilizada por meio de diferentes normas linguísticas (cf. FARACO, 2008), a depender de diferentes situações comunicativas e/ou sociais. Essa é uma discussão indispensável à formação do professor atualmente, diante da necessidade de promover um ensino que contemple a língua nas suas diversas variedades e em seus variados usos na sociedade.

É atitude sensata do profissional docente a busca contínua por uma formação que aprimore e atualize sua prática pedagógica, tanto no que se refere ao conhecimento científico, quanto às orientações dos documentos oficiais acerca dos conteúdos e abordagens metodológicas adequadas a cada etapa de escolaridade.

Baseado em conceitos apontados pela sociolinguística educacional, o professor terá condições de se propor a elaborar e aplicar atividades de ensino que sejam capazes de atender às variadas perspectivas de formação do estudante no que se refere ao seu aprimoramento linguístico, seja como produtor, seja como receptor, a fim de fazê-lo compreender a relação entre normas e variedades linguísticas existentes na sociedade em que está inserido. Apresentamos uma análise de atividades propostas concernentes às variedades linguísticas dialetais e sociais (diatópica e diastrática), por meio do gênero discursivo tiras, com o objetivo de analisar como os alunos participantes, influenciados por fatores socioculturais, percebem as variedades existentes na sua própria língua e como elas podem ser discutidas no espaço escolar, no ensino da língua.

Ponderamos que o propósito de nosso trabalho não é ressaltar o gênero tiras em seus elementos constituintes, mas se valer dele como instrumento para discussão da heterogeneidade da língua, uma vez que “Quadrinhos são usados para se falar de cada vez mais coisas” (FERNANDES, 2013, p.147); além disso, “nos dão muitos exemplos de variação linguística” (RAMOS, 2016, p. 69).

Para tanto, organizamos nosso texto por essa introdução; com uma breve discussão teórica sobre os conceitos principais relacionados à norma linguística e aos dialetos ou variedades linguísticas empregadas em determinadas áreas brasileiras e procedemos a uma discussão da língua como um fenômeno variável e heterogêneo. Em seguida, apresentamos a metodologia empregada na proposta de ensino, expusemos as atividades propostas em sequência e a análise da sua aplicação. Por fim, apresentamos nossas considerações finais e as referências teóricas.

## 2 Norma linguística e dialetos

O trânsito do ser humano por outra comunidade de fala<sup>1</sup>, diferente daquela a que pertence (independentemente do motivo: convivência com amigos, questões profissionais, práticas religiosas, atividades de lazer, entre outros), ocorre mediante à manifestação de características específicas, atreladas à sua condição de membro de um grupo. Isso acontece porque a língua é um fenômeno que não se explica apenas por ele mesmo, uma vez que as características socioculturais estão fortemente vinculadas a esse fenômeno. A esse respeito, Coseriu (1987, p. 77) salienta que “o conceito corrente de língua não se estabelece com critérios exclusivamente linguísticos, mas também com critérios culturais”. Assim, não será coerente um trabalho com a língua no contexto escolar se não abarcarmos a contribuição das interações sociais linguísticas, dando lugar para discutir tais contribuições externas ao funcionamento da nossa língua e, conseqüentemente, valorizando-as não só como tradicionalmente ocorre com a norma padrão escrita (cf. FARACO, 2008).

Dessa forma, é preciso refletir acerca de que critério realmente dita a obrigatoriedade de ensino ou sua valorização quando se refere ao conceito de norma linguística<sup>2</sup>. Para além de seu aspecto verbal (oral ou escrito), as atitudes, os valores, os costumes dos membros de uma comunidade de fala se fazem presentes e se (re)constroem continuamente em suas relações sociais, por meio de práticas

---

<sup>1</sup> O conceito de comunidade de fala, com o qual coadunamos, é: “uma comunidade de fala é um grupo social que compartilha (a) determinadas características linguísticas, (b) atitudes valorativas frente a fatos linguísticos e (c) tendências de mudança linguística” (LUCCHESI, 2015 *apud* FARACO; ZILLES, 2017, p. 18).

<sup>2</sup> Segundo Faraco (2008), “a palavra *norma* tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. No primeiro, norma se correlaciona com normalidade (é norma o que é *normal*). No segundo, norma se correlaciona com normatividade (é norma o que é *normativo*). Nos estudos linguísticos, *norma* designa primordialmente aquele conjunto de fenômenos linguísticos que são correntes, habituais (“normais”) numa determinada comunidade de fala. No funcionamento monitorado da língua, porém, a palavra *norma* é usada com o sentido de preceito, isto é, designa aquilo que tem caráter normativo, que serve, no interior de um projeto político uniformizador, para regular explicitamente os comportamentos dos falantes em determinadas situações”.

linguísticas. É por isso que a norma de um determinado grupo não se submete ao processo da avaliação, mas sim ao processo da apreciação para o entendimento de como se realiza a partir da percepção das características culturais que identificam seus falantes. Assim, “A norma é ‘um sistema de realizações obrigatórias’ consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que ‘se pode dizer’, mas ao que já ‘se disse’ e tradicionalmente ‘se diz’ na comunidade considerada” (COSERIU, 1979, p. 50).

Em questões linguísticas, muito mais proveitoso que se preocupar, exclusivamente, com “certo *versus* errado” ou determinar qual é a norma a ser seguida/alcançada na escola é acolher os falantes/estudantes de todas as normas linguísticas presentes na sociedade. Além disso, um ensino com bases sociolinguísticas coaduna com a função educacional da escola ao seu papel social na medida em que se compromete a entender as condições em que as diferenças linguísticas se concretizam. Dessa maneira, é necessário desenvolver uma empatia linguística que permita ao falante valorizar suas crenças e atitudes linguísticas a fim de respeitar as diferentes formas de falar, diferentes dialetos, diferentes normas linguísticas e consequentemente compreender os motivos de tais diferenças (cf. CYRANKA *et al.*, 2010).

Considerando o fato de que diferentes culturas já estão presentes em situações de contato linguístico entre membros de diferentes comunidades de fala, cabe a nós, profissionais docentes, pensar o conceito de norma na perspectiva da variação linguística, mesmo em um país como o Brasil em que, de fato, existe “o mito de uma uniformidade linguística convivendo com o – também mitificado – pluralismo cultural” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 138). Por conseguinte, corroboramos que

A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade. Dentro da mesma comunidade linguística nacional e dentro do mesmo sistema funcional é possível comprovar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem erudita, linguagem vulgar, etc.), distintas sobretudo no que se concerne ao

vocabulário, mas amiúde também nas formas gramaticais e na pronúncia (COSERIU, 1987, p. 74-75).

Com efeito, é inadmissível conceber a língua como um fenômeno homogêneo, uma vez que as “várias normas” existem em decorrência da realidade linguística das várias comunidades, evidenciadas na relação estabelecida entre sociedade e língua. As experiências dos falantes em outras comunidades de fala, incluindo os grupos minoritários, podem ser percebidas nas situações de contato dialetal e de identidade cultural veiculadas pela linguagem. É preciso enfatizar que o respeito à cultura e às diferentes características linguísticas precisa ocorrer e só é possível validar essa conscientização em contextos de contatos de dialetos, uma vez que “nenhuma forma de expressão é em si mesma **deficiente**, mas tão somente **diferente**, e **todas as línguas e variedades dialetais fornecem a seus usuários meios adequados para a expressão de conceitos e proposições lógicas**” (CAMACHO, 2011, p. 37, grifo do autor).

No espaço escolar cabe ao professor a percepção de tais diferenças e a sensibilidade para iniciar um trabalho linguístico com o falante/estudante a partir de uma variedade linguística<sup>3</sup> mais próxima possível das características do seu espaço sociocultural. E a partir desse parâmetro identitário, transitar por outras variedades existentes mais ou menos cultas até a norma padrão.

Dito assim, a referência idealizada de norma padrão é a única justificativa para a concepção de “erro”, no caso de ocorrência de algum desvio em relação a essa norma. No entanto, a atitude de reconhecer as diversidades socioculturais já traz consigo a aceitação de outras variedades linguísticas. Além disso, não há instituição social que seja capaz de padronizar a língua em situação de uso, porque isso implica tornar a sociedade igual culturalmente. Dessa forma, mesmo que o Brasil tenha a língua portuguesa falada em toda a sua extensão territorial, é notória a diversidade linguística

---

<sup>3</sup> Coelho *et al.* (2015) conceituam variedade como a fala característica de determinado grupo social, a partir de critérios geográficos e sociais.

empregada como manifestação dos contrastes sociais em um país de dimensões continentais.

Considerando os contatos entre falantes de diferentes comunidades, com diferentes características linguísticas, a atitude de conhecer e respeitar a diversidade em situações de contato linguístico dialetal conduz a procedimentos capazes de promover convivência harmônica entre essas diferenças linguísticas. Tal prática permite minimizar conflitos e conscientizar os falantes de que “O padrão não conseguirá jamais suplantar integralmente a diversidade porque, para isso, seria preciso alcançar o impossível (e o indesejável, obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 157).

Dessa forma, o espaço escolar concilia as atitudes de ensino e discussão dos fatos linguísticos, sem, no entanto, deixar de promover o aprimoramento linguístico de seus alunos. Ou seja, por meio de uma metodologia crítica de base sociolinguística oportunizamos a aprendizagem que vai além da discussão de conceitos, mas de enriquecimento social e de construção de sentidos culturais.

Bortoni-Ricardo (2005), ao falar sobre a dimensão macrossociolinguística, comenta sobre os estudos interacionais do discurso em qualquer domínio social, enquadrando-se o processo interacional em sala de aula, e expõe que “É parte da agenda da macrossociolinguística [...] a questão do contato de culturas nas diversas instituições, especialmente na escola, seja este manifesto na convivência de mais de uma língua ou de mais de uma variedade, isto é, em ambiente bilíngue ou bidialetal” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 150).

A escola, um espaço propício para identificar e analisar os contatos de dialetos, exige que o professor esteja bem-preparado a respeito das teorias sociolinguísticas, para que evite consolidar a oposição norma padrão *versus* normas populares ao valorizar apenas a norma padrão no ensino formal. A partir do momento em que a interseção de diferenças linguísticas ocorre no ambiente escolar, as estratégias de

reflexão a esse respeito requerem o entendimento de que elas existem para dialogar e não obrigatoriamente para hierarquizar certas normas ou desqualificar outras. Ou seja, o contato com a diversidade linguística objetiva aprimorar o desempenho linguístico do aluno de forma a permitir escolhas linguísticas adequadas a cada contexto situacional.

Dessa maneira, é fundamental fomentar um movimento didático capaz de respeitar a heterogeneidade da língua, sem considerar uma variedade melhor, superior a outra, independentemente de qualquer critério. Sob tal perspectiva, os documentos oficiais de orientação pedagógica como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) – doravante PCN – preconizam que “A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades” (BRASIL, 1998, p. 81). Portanto, consideramos (cf. FARACO, 2008) que nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea e que, no plano empírico, uma língua é constituída por um conjunto de variedades com riquezas a serem exploradas, aprendidas e experimentadas.

### **3 A abordagem de língua como um fenômeno heterogêneo**

Nosso atual documento oficial que norteia as políticas educacionais para a Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) – doravante BNCC – mantém as orientações para que a escola conceba a língua como um fenômeno variável.

Ao apresentar as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental, a BNCC expõe: “1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BRASIL, 2017). Percebe-se claramente a proposta de um trabalho com a língua numa perspectiva do uso, o que se evidencia por meio das escolhas lexicais presentes no documento (variável, heterogêneo) e o reforço das influências do espaço



social de vivência do falante na questão desse uso linguístico. A exposição dessa competência de fato sustenta uma proposta de ensino da língua conforme os preceitos da Sociolinguística, “uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO *et al.*, 2015, p. 12).

Dessa forma, a instituição escolar caracteriza-se como o espaço social onde estudantes/falantes provenientes de diferentes comunidades interagem linguisticamente, em meio a um campo de diversidade não só cultural, econômica, social, mas também e, manifestamente, linguística. Por isso, fazem-se necessários o acolhimento e o respeito a cada indivíduo e a todas as suas características (inclusive linguísticas), uma vez que, neste entendimento de variabilidade da língua, a atitude de todos os sujeitos envolvidos no processo escolar precisa explicitar a consciência de que “Cada enunciado é para o falante um ato de identidade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 71).

Nesse contexto o que não deve ocorrer é privilegiar um ensino de língua exclusivamente padronizado, como salienta Faraco (2008), caracterizando-o como inflexível, das afirmações categóricas, do certo e do errado tomados em sentido absoluto. Há circunstâncias comunicativas impregnadas de valores relativos, logo há necessidade de conhecer os fatores que condicionam as mudanças, a variação da língua.

A respeito desses fatores que condicionam o fenômeno da variação linguística enfatizamos a exposição de Bortoni-Ricardo (2004, p. 47-49): **grupos etários** (diferenças sociolinguísticas intergeracionais); **gênero** (homens e mulheres falam de maneiras distintas, sendo que essas diferenças estão relacionadas aos papéis sociais, culturalmente condicionados); **status socioeconômico** (diferenças que representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais); **grau de escolarização** (influência entre anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas frequentadas); **mercado de trabalho** (condicionamento do repertório

sociolinguístico conforme a atividade profissional que um indivíduo desempenha); **rede social** (influência das pessoas que constituem o domínio social em que o indivíduo interage com outras pessoas)<sup>4</sup>.

Assim, persuadido das vantagens do trabalho com abordagem variacionista da língua, o professor buscará dinamizar suas aulas de Língua Portuguesa, oportunizando momentos para que os estudantes/falantes tenham contato com as variedades da língua, ou seja, contato com “um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua” (BAGNO, 2007, p. 47). As aulas de língua portuguesa na escola precisam acontecer para além do ensino da gramática normativa, permitindo a discussão sobre as diferentes normas e variedades, bem como sobre os dialetos.

Para tanto, concluímos que o ensino de língua precisa ser dinamizado com o pressuposto de que cada comunidade de fala apresenta suas características específicas quanto ao uso da língua a partir dos elementos que compõem sua cultura. Portanto, há a diversidade linguística sempre presente que pode, e deve, ser explorada como marca de identidade social e que motiva atitudes linguísticas próprias pelos seus usuários; as diferenças de uso da língua não podem ser entendidas como deficiência, como erro, mas realmente apenas como diferenças. Acreditamos que essa postura frente ao ensino da língua, oposto a um ensino tradicional, demonstra que o professor será capaz de alcançar sucesso em suas atividades docentes por “aceitar a ideia de que *não existe erro de português*. Existem *diferenças* de uso ou *alternativas* de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa” (BAGNO, 2013, p. 166), ou seja, “a

---

<sup>4</sup>Diante do avanço do panorama de diversidade e do conseqüente avanço do estudo da heterogeneidade linguística, Faraco (2008, p. 38) assim se posiciona a respeito desses fatores: “embora necessárias, são já insuficientes as categorias tradicionais com que a sociolinguística começou a trabalhar, como idade, gênero, etnia, nível de renda e escolaridade. Tornou-se indispensável analisar também as múltiplas redes de relações sociointeracionais de que participam os falantes: elas são fatores diretamente correlacionados com os diferentes modos de falar (e escrever), com as diferentes normas de uma determinada comunidade”.

questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 31).

#### 4 Metodologia

Após essas considerações teóricas, realizamos o planejamento das atividades, de forma a alcançar os objetivos pretendidos<sup>5</sup>. A fim de organizar nossa proposta de atividades para uma reflexão sobre as variedades da língua, para a produção de tiras, com alunos da educação básica, procedemos a um estudo sobre o tema, criamos as atividades a serem aplicadas e as fundamentamos no aporte teórico (FARACO, 2008; BORTONI-RICARDO, 2004; 2005; COELHO *et al.*, 2015; BAGNO, 2007; 2013; SILVA, 2001) ao qual também recorreremos para fundamentar a análise das respostas obtidas.

Os participantes foram especificamente uma turma de 29 alunos do 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual mineira, na cidade de Guimarães. A turma foi escolhida devido ao fato de o professor pesquisador ser docente dessa turma. Os estudantes manifestaram seu consentimento na participação por meio de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, assinado pelo responsável pelo menor participante; os menores participantes assinaram o Termo de Assentimento<sup>6</sup>.

Os dados foram analisados de forma qualitativa. Assim, podemos perceber que diversas ações no espaço escolar passam despercebidas, principalmente pelo profissional docente, no processo de reflexão e análise de dados. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 49), “o objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula é o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ no dia a dia dos ambientes escolares,

---

<sup>5</sup> Para o desenvolvimento deste trabalho escolhemos, os procedimentos da pesquisa-ação (cf. THIOLENT, 1986), nos quais os alunos também são considerados pesquisadores e produtores de conhecimento.

<sup>6</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia em 18 de novembro de 2016; CAAE: 60046116.8.0000.5152.

identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se 'invisíveis' para os atores que deles participam". Nosso interesse foi na descrição e na interpretação dos dados, relacionados aos fenômenos socioculturais, realizando uma "leitura" do contexto em que estão inseridos.

## 5 Apresentação da proposta

As atividades que propusemos objetivam que os discentes discutam sobre o fenômeno da variação linguística e se conscientizem para agir com respeito em relação a falantes de outras comunidades diferentes daquela a que pertencem. Para aplicação das atividades, concebemos que o gênero tiras se mostra eficaz, pois é um gênero que está bastante presente na área do ensino e que, apesar de serem tendencialmente curtas, as tiras reúnem bastantes informações (cf. RAMOS, 2017). Dessa forma, propusemos como atividade a produção de tiras e analisamos como as variedades linguísticas foram incorporadas a essas produções, evidenciando influência de condicionadores socioculturais, regionais, faixa etária, entre outros. Propusemos também uma atividade em que os discentes refletem a respeito da variação estilística, conduzindo-os a perceberem como as tiras são úteis para perceberem uma realidade linguística; como, por meio da fala dos personagens, podem-se identificar características específicas de falantes os quais expressam características também específicas de seu estilo.

## 5.1 Fundamentação da proposta

Para o desenvolvimento da proposta<sup>7</sup>, inicialmente apresentamos aos estudantes vários exemplares do gênero discursivo tiras<sup>8</sup>, a fim de que conhecessem os personagens que compõem a Turma do Xaxado, do baiano Antônio Cedraz. Essa apresentação é importante para que os estudantes tenham mais facilidade na leitura e compreensão das tiras e distinção entre as características sociais e linguísticas das personagens, durante as atividades propostas, de modo específico no momento de produção de suas tiras.

Assim, consideramos que apresentar aos leitores/estudantes um material de leitura em que eles sintam focadas suas experiências de vida, contemplando sua realidade, contribui para que eles apresentem facilidade ao analisar questões socioculturais presentes nas tiras.

A Turma do Xaxado é “formada por personagens tipicamente brasileiros, cada um com seu jeito próprio de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes econômicas, graus de instrução etc. É uma turminha heterogênea como o povo brasileiro” (CEDRAZ, 2010, p. 4). Como é composta por personagens que representam identidades brasileiras diferentes, até mesmo linguisticamente, são personagens cujas características propiciam o debate acerca da variação linguística, em consonância com o objetivo de nossa proposta de atividades. Nesse sentido, destacamos a orientação de

---

<sup>7</sup> Esclarecemos que há um bimestre antes da aplicação destas atividades já estava havendo um movimento de conscientização linguística com os alunos, ao tratar de vários conteúdos sociolinguísticos (como conceitos de variação, variedade e norma).

<sup>8</sup> Adotamos o conceito desse gênero como sendo “uma pequena narrativa quadrinizada, não precisando ser uma história e pode até ter um só quadro, mas há sempre narratividade. É comum ter um ou mais personagens constantes, com determinadas características de interesse, fundamental para o entendimento da tira e seu objetivo. Geralmente, as tiras são usadas para a crítica social ou de algum caráter” (TRAVAGLIA, 2015, p. 70). Também o chamamos de texto multimodal. Rojo (2012, p. 19) define os textos contemporâneos chamados multimodais como “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”.

Vergueiro (2015) que, ao falar do trabalho com a Turma do Xaxado na escola, recomenda o enfoque pelos professores das questões relacionadas à linguagem utilizada por esses personagens, identificando diferenças na forma de expressão deles, seja exemplificando com o esmero gramatical da personagem Marieta, seja com o uso das expressões regionais pelo personagem Zé Pequeno.

Na figura 1 podemos visualizar cada um dos seis personagens principais que compõem essa turma; os respectivos nomes estão colocados abaixo, em sequência, da esquerda para a direita.

Figura 1 – A Turma do Xaxado.






Disponível em: <http://blogmaniadegibi.com/2012/09/conheca-antonio-cedraz/>. Acesso em: 08. abr. 2021.

A caracterização de cada personagem principal da turma está no quadro 1, abaixo. Chamamos a atenção para o fato de que, durante momentos de leitura de várias tiras com personagens dessa turma, os alunos puderam realmente conhecê-los e se apropriarem das principais características de cada um.

Quadro 1 – Caracterização dos personagens da Turma do Xaxado.

Xaxado	Zé Pequeno	Marieta
<b>Xaxado</b> é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião. Sensível, alegre e sempre atento às belezas e problemas da vida no campo.	<b>Zé Pequeno</b> tem fama de ser um menino preguiçoso, que passa o dia inteiro dormindo, ele também fica pescando, ouvindo música, namorando, inventando desculpa pra não ir pra aula e fugir do trabalho...	<b>Marieta</b> vive corrigindo a fala “errada” dos outros, o que, para ela, é uma verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa. É apaixonada por livros, adora ler, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora.

Arturzinho	Marinês	Capiba
		
<p><b>Arturzinho</b> é egoísta, avarento, vaidoso, chato, exibido, insensível, interesseiro. Filho de um rico fazendeiro, é uma dessas pessoas que acham que dinheiro compra tudo, inclusive as pessoas.</p>	<p><b>Marinês</b> é uma garota que tem no pensamento o seguinte objetivo de vida: a convivência saudável entre o ser humano e a natureza, em busca de um mundo onde as pessoas respeitem e cuidem dos animais, das plantas, das águas, do solo, do ar...</p>	<p><b>Capiba</b> é irmão de Marinês e pretende ser um cantador tão famoso quanto Luiz Gonzaga e conquistar o mundo com sua música.</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

## 5.2 Apresentação das atividades e análise da aplicação

### 5.2.1 Norma e variedades linguísticas: suas representações na produção de tiras por discentes dos anos finais do ensino fundamental

Para a realização desta atividade, primeiramente propusemos uma reflexão sobre o assunto. Assim, apresentamos um vídeo indicando os falares regionais; pedimos aos alunos que destacassem o falar que se apresentasse próximo àquele da cidade onde residem. A seguir, propusemos que, em grupos, produzissem uma tira para retratar o falar da região (os personagens poderiam também ser criados pelos alunos ou manteriam os integrantes da turma do Xaxado). Para isso, pedimos que os personagens também retratassem diferenças entre patrão/empregado, homem/mulher, nordestino/mineiro, por exemplo. Para o desenvolvimento desta proposta apresentamos um vídeo intitulado **Variações Linguísticas Regionais**, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>.




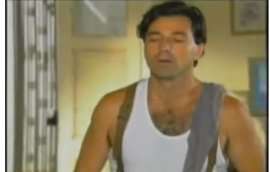
A apresentação da aplicação desta proposta foi organizada aqui em três etapas: primeiro, fizemos uma breve descrição do vídeo que exibimos para a turma; em seguida, selecionamos imagens para representar alguns momentos do vídeo; por fim,

apresentamos cinco tiras produzidas pelos estudantes<sup>9</sup>, com comentários nossos sobre as produções (com foco na variação linguística, como os participantes perceberam a relação entre a norma e as variedades) e também manifestamos nossas impressões sobre o conteúdo da atividade, fundamentando-nos em teóricos brasileiros da sociolinguística para que mais discussões sejam estimuladas por nossos pares, na possibilidade de aplicação dessa proposta em suas aulas.

O vídeo que escolhemos tem a duração de 10:12 (dez minutos e doze segundos) e nos proporciona um contato bastante diversificado com variedades linguísticas brasileiras. Produzido a partir de situações bem espontâneas e reais de interação social, enfoca diferentes eventos de comunicação, como entrevistas com jovens nas ruas; entrevistas com idosos e adultos numa estação de trem; falantes de diferentes faixas etárias em uma praça pública; uma boa prosa em uma casa com amigos; entrevista com artista em programa televisivo de auditório; depoimentos de jovens sobre o próprio uso linguístico.

O quadro 2, abaixo, apresenta oito imagens, em sequência no vídeo, objetivando mostrar como a produção desse material se preocupou em apresentar exemplos bem próximos do uso real da língua.

**Quadro 2** – Imagens do vídeo Variações Linguísticas Regionais.

			
<b>IMAGEM 1</b> (Placa inserida bem no início do vídeo para contextualizar a entrevista)	<b>IMAGEM 2</b> (Entrevista com jovem na cidade de Porto Alegre - RS)	<b>IMAGEM 3</b> (Idoso mineiro dentro de um trem)	<b>IMAGEM 4</b> (Personagem mineiro de telenovela global)

<sup>9</sup> Os estudantes participantes da pesquisa foram designados pela letra A, seguida de um número referente à ordem da turma, conforme uma lista alfabética.





Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM>. Acesso em: 08. abr. 2021.

Na sequência, mostramos cinco tiras produzidas pelos estudantes (figura 2: Arturzinho gripado; figura 5: Avô e neto mineiros; figura 6: Laranjinha; figura 7: Amigo nordestino; figura 9: Ida a Guimarães). Elas foram criadas depois de serem feitos comentários com toda a turma sobre o entendimento que tiveram em relação ao conteúdo exibido pelo vídeo.

**Figura 2 - Arturzinho gripado.**



Fonte: Caderno do participante A22

Na produção desta tira fica evidente a crítica feita ao arrogante Arturzinho, que acha que tudo se resolve com o dinheiro. O humor se constrói a partir do emprego polissêmico do verbo espirrar: para Marieta tem o sentido de dar espirros, consequência do resfriado; já para Marinês o sentido é de expelir, arremessar. No contexto, ela sabia que Arturzinho é rico e esperava conseguir um pouco de dinheiro

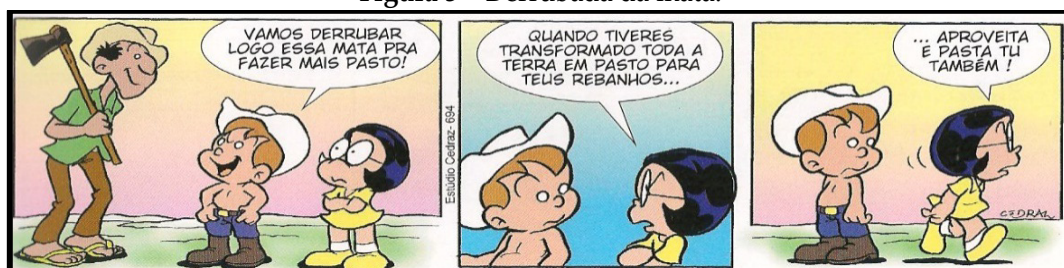
dele (SERIA BOM SE ELE ESPIRRASSE \$\$\$ EM NÓS!!!); inclusive é nesse fato que se constrói o humor da tira.

No que se refere à língua, chama-nos a atenção o fato de o autor empregar, na construção da tira, na fala de Marieta no primeiro balão do primeiro quadrinho, o pronome TU para a segunda pessoa e ainda estar conjugado em conformidade com a gramática normativa: “Marinês **tu** sabias que Artuzinho pegou resfriado?”. É uma estrutura raríssima de ser usada na contemporaneidade do português brasileiro na região onde os alunos residem, pois não fazem essa concordância verbal na fala, podendo ainda ser empregada em outras localidades brasileiras. O que o aluno criou foi apenas uma situação para mostrar coerência com a caracterização da personagem Marieta (que diz a frase na tira), pois a pretensão desta personagem que gosta de corrigir a fala “errada” dos outros é se tornar professora de Português.

Portanto, o aluno participante, criador da tira, mostrou uma situação em que se atribui prestígio a uma variedade da língua, reconhecida tradicionalmente como norma padrão, porém não está inserida no uso cotidiano por todos os falantes. Uma atitude do professor com o intuito de esclarecer essa situação nos é indicado por Ramos (2016. p. 67): “Nós, professores, devemos orientar os alunos e fazê-los perceber que, em determinadas situações, é adequado ou inadequado falar ou escrever de maneira mais ou menos formal, mais ou menos próxima à variante culta”. Ou seja, o emprego de uma ou de outra variedade da língua se argumenta pela situação comunicativa; em determinados contextos de comunicação de fato não é considerado erro não usar a norma padrão.

Na tira seguinte (figura 3), há exemplo de uma situação comunicativa em que a personagem Marieta emprega o pronome pessoal TU, estabelecendo a concordância verbal em conformidade com as regras prescritas pela gramática normativa. A personagem poderia ter usado uma forma alternativa da variedade padrão, considerando a circunstância de interação.

Figura 3 – Derrubada da mata.



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 9.

O emprego da segunda pessoa do singular, normativamente representada pelo pronome pessoal TU, ocorre em (tu) **tiveres**, no emprego do pronome possessivo **teus** e nas formas do imperativo afirmativo **aproveita** e **pasta** TU.

A forma verbal **tiveres**, verbo irregular empregado como verbo auxiliar no futuro do subjuntivo, está conjugado corretamente na 2ª pessoa do singular (desinência verbal: -es); o pronome possessivo **teus**, correspondente à 2ª pessoa do singular, aparece anteposto ao nome a que se refere, concordando com ele em gênero e número (masculino plural); as formas verbais flexionadas na 2ª pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo, foram também corretamente empregadas conforme prescreve a tradição gramatical: “Praticamente da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo saem as 2.ªs pessoas do singular e do plural do imperativo, bastando suprir o s final”(BECHARA, 2009, p. 237). Tendo em vista essa descrição gramatical, a personagem Marieta obedeceu à regra: verbo **aproveitar** na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (**tu aproveitas**) –s = **aproveita** (2ª pessoa do singular do modo imperativo afirmativo). O mesmo procedimento se aplica ao verbo **pastar**, neste caso.

A fala de outros personagens das tiras da turma do Xaxado não apresenta esse uso, incomum em várias regiões brasileiras, apesar de prescritivo; é muito mais comum nas regiões que utilizam o pronome **tu** não fazer a concordância entre o pronome e o verbo. É o que se observa na tira seguinte (figura 4):

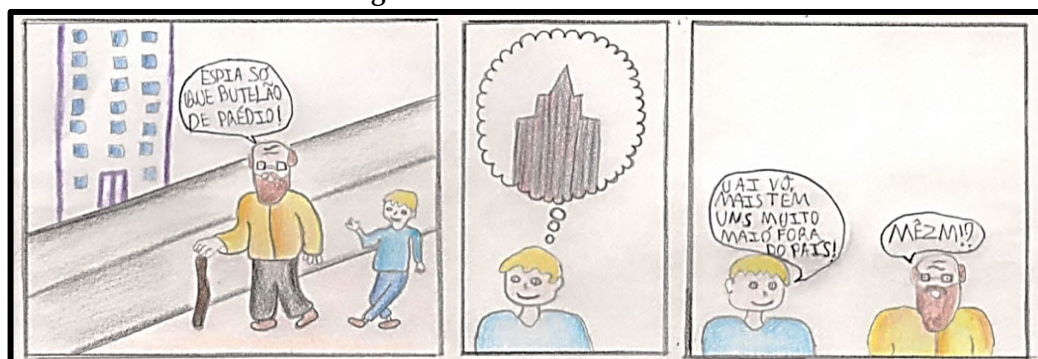
Figura 4 – Carne de gato e carne de cachorro.



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. *A Turma do Xaxado – volume 2*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006, p. 8.

As ocorrências da segunda pessoa em “TU JÁ CUMEU” (fala do personagem Zé Pequeno – primeiro quadrinho), “E TU GOSTOU?” (fala do personagem Xaxado – 3º quadrinho), apresentam coerência com o uso contemporâneo do pronome TU em algumas regiões do Brasil. Quando ainda é usado, faz a concordância com a 3ª pessoa do singular, então representada, implicitamente, pelo pronome VOCÊ. Os estados brasileiros que ainda mais usam o pronome *tu* são Rio Grande do Sul (com predominância em Porto Alegre), Santa Catarina e em alguns estados do norte e do nordeste.

Figura 5 - Avô e neto mineiros.



Fonte: Cadernos dos participantes A6 e A7.

Para a produção dessa tira os autores exploraram o fator condicionador grupos etários uma vez que “no interior da família, há diferenças sociolinguísticas intergeracionais: os avós falam diferente dos filhos e dos netos etc.” (BORTONI-

RICARDO, 2004, p. 47). As escolhas lexicais confirmam a compreensão de sentido na interação entre avô e neto. A ideia de tamanho grande, exagerado é sugerida pela correspondência semântica entre “butelão” (dita pelo avô – em MG significa algo muito grande) e “muito maió” (dita pelo neto). Mencionamos uma inferência em relação ao conhecimento do neto: trata-se de uma pessoa que busca conhecimento, possivelmente se valendo dos recursos midiáticos e tecnológicos que sua geração tem à disposição atualmente. Isso porque a imagem do prédio no segundo quadrinho (pensamento do neto) é uma representação do maior prédio do mundo, o arranha-céu chamado Burj Khalifa, que fica em Dubai, nos Emirados Árabes, com 828 metros de altura e 160 andares<sup>10</sup>.

Em relação ao dialeto mineiro, houve o emprego da expressão “Espia só”, que foi destacada no vídeo por falantes mineiros; da palavra “uai”, que é conhecidamente uma expressão de identidade mineira; e a palavra “MEZM” que apresenta neste contexto uma variação relacionada ao aspecto fônico. No vídeo exibido, ela foi assim pronunciada por um personagem de uma telenovela global exibida entre novembro de 2007 e maio de 2008, chamada “Desejo proibido”, ambientada numa cidade interiorana de Minas Gerais. Em /mezm/ no lugar de /mesmu/, o fonema /s/ representado pela letra S na palavra “mesmo” foi substituído por /z/. A explicação atribuída a tal variação fônica considera que a consoante permaneceu fricativa sibilante, no entanto, deixou de ser surda e passou a ser sonora.

Mattos e Silva (2001) nos fornece o suporte teórico para comentar tal ocorrência: “o sistema fonológico do PB dispõe de duas fricativas sibilantes anteriores, uma surda e outra sonora (/s:/z/)”. Ocorre também o apagamento do som vocálico /u/ no final da palavra (é uma característica do falar dos mineiros diminuir as palavras quando as pronunciam).

---

<sup>10</sup> Os alunos criadores da tira fizeram a pesquisa e usaram o conhecimento na produção do texto.

Figura 6 – Laranjinha.



Fonte: Cadernos dos participantes A8 e A27.

A motivação para produção da tira acima foi a percepção do uso exagerado do diminutivo pelos mineiros, fato mostrado enfaticamente pelo vídeo exibido. Nele, há um momento em que uma repórter se senta à mesa na cozinha de uma família mineira para o famoso café da tarde, ou melhor, “cafezin”. E durante uma boa prosa, não há como não se alimentar bem diante de muito “pãozin de queijo”, “bolin”, “leitin”. Assim, o “jeitin” é comer nem que seja um “pedacin”. E a imposição dessa lista de diminutivos masculinos reduzidos no sufixo **-inho** parece não ter fim, revelando um jeito delicado e manhoso do mineiro.

Na tira produzida, os estudantes retratam um mineiro vendendo laranjinha. Quando vê a cena, o baiano Zé Pequeno pergunta ao amigo Xaxado o que era aquilo. A resposta obtida é simplesmente “É uma palavra mineira, Zé!”. Ou seja, por estar no diminutivo, era de uso habitual, normal dos mineiros. Essa situação comprova que, conforme Bagno (2007, p. 41), quando se tem consciência de uma variação, o falante procura identificar seu interlocutor como proveniente de um estado ou de uma região diferente da sua. Observamos que a palavra no diminutivo é feminina, não sofre a redução no sufixo; tal redução ocorre com frequência em grande parte das palavras masculinas no diminutivo, faladas por mineiros.

Um detalhe que chamou a atenção em relação à reflexão dos autores da tira foi o relato de um deles, que mesmo sendo mineiro, só havia chegado à cidade

(Guimarânia-MG) há três anos. Antes ele morava em Córrego Danta, também em MG. Lá se chamava “laranjinha” de “chupe-chupe”. Temos, portanto, um exemplo de variação linguística regional relacionada ao léxico, isto é, “A mesma realidade é apresentada, conforme a região, por palavras diferentes” (COELHO et al., 2015, p. 23-24). Ou seja, na cidade “laranjinha” não é uma laranja pequena, mas tem um outro significado que é compartilhado pelos falantes da comunidade e que os alunos conseguiram trabalhar bem com essa questão, mostrando domínio linguístico sobre a variação possível de ser encontrada.

Diante dessa situação, questionamos certas interpretações do condicionador regional da variação, pois um **mesmo referente** (uma espécie de picolé artesanal preparado dentro de pequenos sacos plásticos) é conhecido por dois **nomes diferentes** (laranjinha e chupe-chupe), em **duas cidades** (Guimarânia e Córrego Danta) dentro do **mesmo estado** (Minas Gerais). Portanto, afirmar que a variação regional apresenta como limite de espaço um estado, por exemplo, pode ser incoerente, conforme relato do aluno, coautor da tira. Para além disso, é relevante enfatizar que nesta situação de variedade linguística, relacionada também ao léxico, o modo diferente de se nomear um mesmo referente pressupõe experiência do falante em diferentes comunidades de fala, comprovando que “o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros de uma comunidade” (CAMACHO, 2011, p. 40).

Figura 7 – Amigo nordestino.



Fonte: Caderno do participante A12.

Na análise da produção da tira acima (figura 7) a relação entre patrão e empregado precisa ser analisada no processo de estabelecimento desta relação que, inclusive, pode ser percebida por meio de recursos multimodais: a fala imperativa do patrão está reforçada pelo gesto autoritário (o braço erguido com o dedo apontando para o empregado Bento); a submissão e o sentimento de sobressalto do empregado se leem pelas imagens dos dois braços imóveis e abaixados e pela imagem dos olhos arregalados<sup>11</sup>.

Consideramos importante destacar que a tira foi uma produção semelhante a outra tira de Cedraz, a qual foi lida pelos alunos (em outro momento das aulas, no início das atividades) mostrada na figura seguinte (figura 8).

**Figura 8 - Semana de descanso.**



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. 1000 tiras em quadrinhos. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 56.

Nesta tira de Cedraz se percebe a relação de poder, a hierarquia social entre os falantes: o personagem Tião, empregado do fazendeiro Arturzinho, se mostra bastante submisso ao patrão, com dificuldade de reivindicar o que lhe é de direito (o descanso). Além de suas falas expressas de maneira tímida, as imagens confirmam sua inibição diante do patrão: a postura curvada, o chapéu na mão em sinal de respeito, o dedo levantado no segundo quadrinho sugerindo o alcance do mínimo diante do que está

<sup>11</sup> No processo de leitura das tiras enfatizamos que não há uma relação de predominância do texto ou da imagem, uma vez que “Na ligação do significado, palavra e imagem se acham em relação complementar” (CAGNIN, 2014, p. 139).



sendo suplicado. Enquanto tudo isso acontece, o autoritário patrão permanece trabalhando, por meio da tecnologia e nem se dá ao trabalho de erguer a cabeça para responder ao empregado (nota-se que a imagem de Arturzinho é praticamente a mesma do início ao fim do ato comunicativo). A avareza do patrão se comprova pelo emprego da palavra “colherzinha” no último quadrinho. O sufixo “-inha” não denota tamanho pequeno, mas sim pouca quantidade de açúcar que seria gasto pelo empregado.

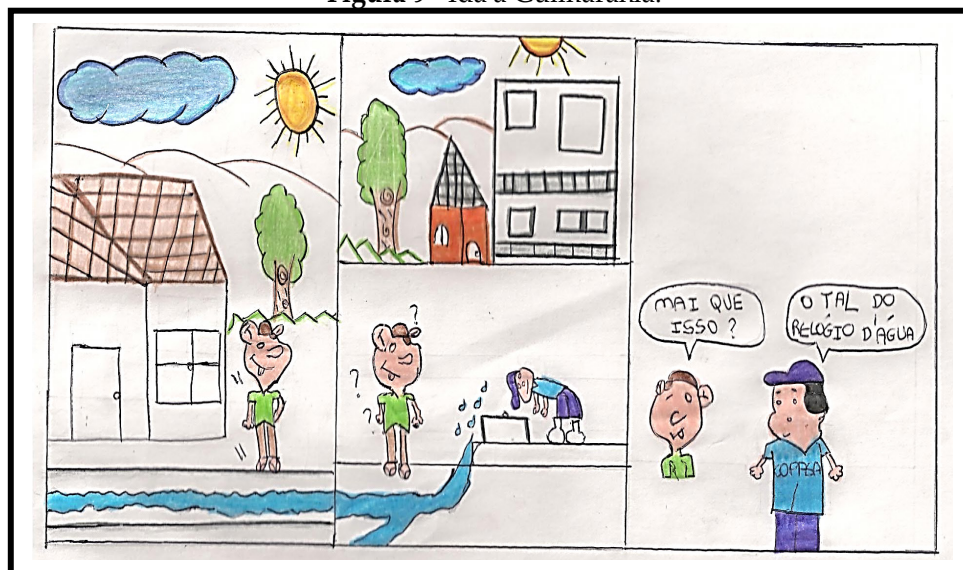
Esta situação de relação de poder acaba interferindo na comunicação, pois o falante se sente um pouco pressionado para usar a língua, pelo fato de não se acomodar bem diante de seu interlocutor. A esse respeito, Coelho et al. (2015, p. 46) afirmam que os papéis sociais do indivíduo estão intimamente relacionados aos tipos de relações que ocorrem entre o locutor e o interlocutor (as chamadas *relações de poder e solidariedade*, que remetem às relações sociais de hierarquia e intimidade/proximidade que existem entre os participantes de uma situação comunicativa).

Quanto à temática para a produção da tira pelo aluno (figura 7, que a nomeamos como **Amigo nordestino**), constatamos que vários elementos sociais e culturais se encontram imbricados. O autor valorizou os costumes locais (da região de Guimarães-MG), transformando o rico fazendeiro Arturzinho da Turma do Xaxado em um próspero e ambicioso produtor de queijos do interior mineiro. Vale ainda ressaltar a perspicácia do aluno ao reproduzir a tira adaptando à sua realidade, pois o chapéu usado pelo “patrãozin” não é branco como o usado na Bahia, mas sim em conformidade com o modelo usado no interior de Minas Gerais.

No tocante à variação linguística, destacamos que há a exploração dos sentidos da palavra “dobradinha”. Para o ambicioso mineiro produtor de queijo significava dobrar a quantidade de queijos produzidos e, conseqüentemente, dobrar a arrecadação em dinheiro. Mas como o amigo era nordestino (e o criador da tira tem o conhecimento de que a dobradinha é uma comida feita pelos nordestinos, usando a

buchada de bode) essa palavra passa a significar um prato típico da culinária nordestina. Houve um exemplo de variação linguística em que se envolve o léxico.

Figura 9 - Ida a Guimarães.



Para a leitura e entendimento da quinta tira (figura 9), em especial dos dois primeiros quadrinhos, são necessárias as explicitações sobre o contexto de sua criação, uma vez que eles exploraram apenas as imagens para a construção do sentido. À época da produção da tira pelos alunos, estavam sendo instalados os hidrômetros na cidade de Guimarães, pela Copasa<sup>12</sup>. A realidade é que os encanamentos para distribuição de água (usados até então) eram muito antigos e se encontravam em estado tão precário que arrebentavam facilmente, jorrando água por toda parte. Além disso, a população, na sua maioria, manifestou-se desfavorável à atuação da Copasa na cidade e, conseqüentemente, contrários à instalação dos hidrômetros; falava de maneira muito negativa a respeito desse fato, por meio de constantes reclamações durante as conversas nos grupos sociais, em locais públicos, como em armazéns, o que é muito comum em pequenas cidades interioranas.

<sup>12</sup> Copasa é a Companhia de Saneamento de Minas Gerais, com sede em Belo Horizonte.

A par dessas informações, lemos que a tira trata da ida do personagem Zé Pequeno à cidade de Guimarães-MG. Sabemos que ele vem do sertão nordestino, um espaço em que a água é bastante escassa. Quando chega à cidade, depara-se com um grande volume de água escorrendo pelas ruas. As marcas de interrogação em torno do personagem Zé Pequeno no segundo quadrinho antecipam o questionamento que ele fará no terceiro quadrinho: “MAI QUE ISSO?”. Sua pergunta pode ser entendida de duas maneiras: primeiramente podemos nos perguntar se o personagem realmente não sabe o que está vendo; também podemos compreender que ele faz uma advertência diante do desperdício de água. Esta segunda possibilidade pode ser motivada pela situação adversa que ele vive em sua terra, o sertão nordestino.

Analisando a resposta do funcionário da Copasa “O tal do relógio d’água” reconhecemos toda a situação motivadora dessa fala. Inicialmente, esclarecemos que a população não tem o costume de dizer hidrômetro, mas sim **relógio d’água**. Além disso, as reclamações nos grupos de conversa, conforme relatamos anteriormente, aconteciam em tom de reprovação. Assim, os participantes transpuseram para a tira que criaram toda esta postura negativa das pessoas, empregando a palavra **tal** com uma conotação pejorativa. Percebemos que não foi necessária uma aula no espaço escolar para estudar os vários empregos de TAL<sup>13</sup>. Apenas o uso no dia a dia, de maneira contextualizada na comunidade de fala, foi suficiente para que a empregassem adequadamente, na produção da tira, numa situação de informalidade, mostrando uma variedade linguística bem próxima da realidade da população.

---

<sup>13</sup> A palavra **tal** foi empregada na tira com um sentido que deprecia o aparelho instalado para medir a água. Em outros contextos, ela pode ter outros sentidos, como: ocultação de um nome, intencionalmente (Eu me referi ao tal que me caluniou.); ideia de semelhança (Tal pai, tal filho); em interrogações pedindo uma opinião (Que tal minha casa nova?); substituição de sobrenomes desconhecidos (Na Rua Henrique de tal...).

No tocante ao uso de dialetos na produção da tira, chamou-nos a atenção o uso da expressão “MAI QUE ISSO?”<sup>14</sup>, que não é comum na região mineira em que vivemos. Um dos participantes, coautor da tira, justificou dizendo que ouviu uma vizinha nordestina dizer assim. Concluimos que o contato (bi)dialetal na comunidade contribuiu para o emprego dessa variedade linguística na criação da tira.

### **5.2.2 A variação estilística: uma percepção a partir das características individuais dos personagens da Turma do Xaxado**

A próxima atividade apresentada abaixo pretende que os participantes escrevam uma fala para cada personagem da Turma do Xaxado como uma possibilidade de retratar os diferentes modos de falar sobre um mesmo referente. Para isso, precisam se valer do que conhecem sobre cada personagem da turma (conforme apresentamos no quadro 1 deste artigo) e perceber como os traços individuais interferem na fala.

Para realização da atividade entregamos uma cópia impressa da tira seguinte (figura 10) para cada aluno. Lemos com eles e depois pedimos que respondessem individualmente, por escrito, à questão proposta.

---






<sup>14</sup> A palavra MAI, que aparece na fala de Zé Pequeno, também se faz presente em uma entrevista disponível no portal do Museu da Língua Portuguesa. Trata-se de um projeto chamado Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), coordenado pelo sociolinguista Dermeval da Hora. Bagno (2007, p. 208-209) transcreve a fala de uma jovem mulher, sem nenhum grau de instrução, empregada doméstica, nascida e residente em João Pessoa: “Já visse lugá de gente pobe ser calmo? Todo dia tem uma confusão; mai as vizinha, po lado de lá pa cima, até que tem umas velhinha meia boazinha.” Bagno, analisando traços linguísticos da jovem paraibana, explica o uso da palavra MAI: “ **mai** – nas variedades estigmatizadas de alguns estados nordestinos (Paraíba, Pernambuco e Alagoas, por exemplo), ocorre a presença de uma semivogal /y/ e o apagamento do /s/ no final das palavras” (BAGNO, 2007, p. 215).

Figura 10 – Coisas da cidade e urtiga.



Fonte: CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003, p. 38.

**Questão proposta:** imagine que o garoto da cidade não soubesse o que é urtiga. Como os personagens abaixo (A, B, C, D, E; sendo Zé Pequeno, Arturzinho, Capiba, Marieta e Marinês, respectivamente) poderiam explicar ao garoto sobre essa planta?

A	B	C	D	E
				

Durante a reflexão para criação dessa atividade, lembramo-nos de que a variação estilística é mais raramente explorada em atividades, no contexto escolar. De acordo com Bagno,






Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, *heterogênea*, ou seja, apresenta *variação* em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2013, p. 27-28).

Desse modo, reconhecemos que em sociedade cada pessoa possui seu modo de falar e que, dependendo de outros condicionadores que se interseccionam (lugar em que vive, grau de escolaridade, idade, sexo, por exemplo) ela faz suas escolhas ligadas a uma situação de domínio de uma norma, adequada a um contexto e, ao mesmo tempo, procura alcançar êxito em suas tarefas comunicativas. Assim, independentemente de uma variação diacrônica, diatópica ou diastrática, há também

a variação estilística (a língua usada em seu aspecto afetivo, em adequação à situação comunicativa).

Assim, analisamos as respostas dadas à questão proposta, verificando como os alunos expressaram as características específicas de cada personagem, considerando que a interação se daria em uma situação de mais proximidade entre os interlocutores.

**Quadro 3** – Falas dos personagens, criadas pelos alunos.

PERSONAGEM	PARTICIPANTE	RESPOSTA DO PARTICIPANTE
 Zé Pequeno	A6	É umas foia que se ocê incostá, pinica!
 Marieta	A6	É uma espécie de folha que, se entrar em contato com a pele humana, dá coceira.
 Capiba	A17	A urtiga é uma planta antiga. Quem cai na bobeira de mexer com ela ganha coceira e pele vermelha!!!
 Marinês	A11	Urtiga causa uma queimação, mas tem seus benefícios.
	A18	Não sente nas plantas, se não vai amassar e estragar.
	A21	Urtiga é uma plantinha que causa uma coceirinha.
 Arturzinho	A7	É uma planta que faz coçar e pode me dar muito dinheiro, porque eu posso vender para os meninos aprontarem!
	A23	A urtiga é uma planta que não dá nenhum lucro.

Fonte: Cadernos dos participantes.

Observamos nas respostas que os alunos participantes não se preocuparam em conceituar a planta conforme os preceitos da ciência; contentaram-se em explicar o que é a urtiga a partir do conhecimento vivenciado no espaço social deles: ativeram-se à questão de dizer que se trata de uma planta que provoca coceira. No entanto, usaram palavras, marcas linguísticas que evidenciaram as características específicas, o estilo de cada personagem.

As palavras de Zé Pequeno apresentam desvios de concordância e de ortografia, em relação à norma padrão, no entanto não há problemas na interação com o interlocutor no que se refere à compreensão. A frase produzida para Marieta apresenta todo o cuidado gramatical na elaboração (colocamos neste quadro as respostas do mesmo aluno – A6 – para Zé Pequeno e Marieta, com o objetivo de mostrar que a mensagem é a mesma, porém produzida usando “normas” diferentes: isto demonstra que o aluno teve a percepção do fenômeno da variação linguística).

Para o personagem Capiba, que gosta de música, foi usado o recurso das rimas (urtiga/antiga; bobeira/coceira); Marinês, que é defensora da natureza, se apresenta de forma elogiosa e cuidadosa com a planta (benefícios, amassar, estragar) além de amenizar o efeito dacoceira, fazendo uso do diminutivo em “coceirinha”. Finalmente, Arturzinho, ambicioso como sempre, avalia se a planta lhe pode dar retorno financeiro (muito dinheiro) ou não (nenhum lucro).

## 6 Considerações finais

Com os resultados obtidos, constatamos que esse trabalho é um exemplo de como é possível aplicar metodologias da Pedagogia da Variação Linguística e da Sociolinguística Educacional para que alunos dos anos finais do ensino fundamental discutam sobre o fenômeno da variação linguística, especialmente por meio de um gênero. Percebemos que os participantes demonstraram consciência de que a língua é variável e nos exemplares de tiras produzidas por eles se sentiram à vontade para explicitar e atribuir valores a variedades linguísticas presentes no ambiente social em que vivem. Trouxeram para a sala de aula variedades típicas dos momentos de interação linguística próprias de seu grupo social ou estabeleceram diálogos com outras variedades possíveis de se concretizarem na realidade deles.

Verificamos também que os autores das tiras priorizaram o sentido de norma atrelado à normalidade, conforme salienta Faraco (2008) no sentido de que há

fenômenos linguísticos normais, habituais em uma comunidade de fala. Puderam usar termos e expressões que são ouvidos nos atos de interação entre membros de sua comunidade, confirmando que “Provavelmente, a mais importante característica do texto nos quadrinhos seja o seu caráter de *representação da oralidade*, que atualmente representa uma importante vertente de estudos linguísticos sobre quadrinhos no Brasil” (MEIRELES, 2015, p. 55, destaque da autora). Dessa forma, a fala dos personagens nos diálogos das tiras constituem uma oportunidade de discutir e reconhecer as diferenças dialetais com respeito, compreendendo-as como normais no seu contexto de uso.

Enfatizamos também que é relevante entender e refletir sobre a relação que há entre o uso da língua na comunidade de fala e o contato com outras variedades de/em outras comunidades e de que forma possível a heterogeneidade da língua pode ser tratada em atividades escolares. Mesmo nos momentos em que estejam estudando a norma padrão, é prudente que respeitem as outras variedades, entendendo que o social forma as identidades e que não gera preconceitos.

Para nós, professores, foi uma oportunidade de (re)pensar a experiência na sala de aula, em relação com os princípios teóricos estudados, em especial no momento em que analisamos as tiras produzidas pelos estudantes, situação em que eles se posicionaram como protagonistas nesse entendimento de que a língua é um fenômeno variável.

Nossa intenção também é fornecer um aporte para colegas professores, na possibilidade de aplicar essas atividades, tendo em mente que os livros didáticos de Língua Portuguesa ainda apresentam poucas atividades que abordam o tema da variação linguística por meio de propostas de produções de texto.

Além do mais, nossas atividades não se apresentam prontas com uma qualificação de receita. Elas são o produto de uma atitude profissional que, embasada nas orientações oficiais em consonância com as propostas teóricas de sociolinguistas



brasileiros, resultaram em uma prática pedagógica em que se pode vislumbrar o sucesso do professor face ao envolvimento dos alunos quando são instigados a refletir sobre sua realidade linguística envolvendo também traços sociais e culturais.

Logo, esperamos que possa haver contribuição no sentido de aprimorar essas atividades, mantendo nossa crença de que é produtivo sempre inovar nossa prática, pesquisando sobre ela, ao mesmo tempo em que manifestamos reciprocidade com profissionais de nossa área, compartilhando experiências.

### Referências bibliográficas

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**: linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial. São Paulo: Criativo, 2014.

CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CEDRAZ, A. L. R. **Xaxado ano 1**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volume 2**. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2006.

CEDRAZ, A. L. R. **A Turma do Xaxado – volumes 1 e 2**. 3. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

CEDRAZ, A. L. R. **1000 tiras em quadrinhos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança linguística**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo – Coleção Linguagem, n.11, 1979.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

CYRANKA, L. F. de M.; NASCIMENTO, L. A. do; RIBEIRO, P. R. O. **A sociolinguística no ensino fundamental: resultados de uma pesquisa-ação**. Linhas críticas, Brasília, v. 16, n.31, 2010. p. 361-376. DOI <https://doi.org/10.26512/lc.v16i31.3628>

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, G. O que querem os quadrinhos? In: VERGUEIRO, V.; RAMOS, P.; CHINEN, N. (org.) **Interseções acadêmicas: panorama das primeiras jornadas internacionais de histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2013. p. 145-155.

RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. *In*: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (org.) **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 65-85.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R; MOURA, E. (org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.11-31

SILVA, R. V. M. e. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala x a língua que se ensina**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRAVAGLIA, L. C. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. *In*: CARMELINO, A. C. (org.) **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 49-90.

VERGUEIRO, W. Quadrinhos infantis. *In*: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (org.) **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 159-184.

Artigo recebido em: 04.05.2021

Artigo aprovado em: 10.11.2021